

**A REPRESENTAÇÃO DO MUSSEQUE E O DISCURSO EM TRANSIÇÃO EM
DIZANGA DIA MUENHU (1977), DE BOAVENTURA CARDOSO**

**THE REPRESENTATION OF THE SLUM AND THE DISCOURSE IN TRANSITION IN
DIZANGA DIA MUENHU (1977), BY BOAVENTURA CARDOSO**

Mateus P. Camueje¹

Andrea C. Muraro²

RESUMO: Este artigo analisa a representação do musseque e *discurso em transição* (Martinho, 2005) na obra *Dizanga dia Muenhu* (1977), de Boaventura Cardoso, tomando como corpus seis dos seus contos. O trabalho demonstra que, embora o musseque seja consistentemente representado como um espaço marginalizado, sua dimensão geográfica manifesta-se de forma ambivalente no discurso do narrador, sendo entendido simultaneamente como sanzala (noção de interioridade) e como mundo (noção de exterioridade). Essa dupla percepção, aliada à proximidade do musseque com a Baixa de Luanda (separada somente por uma fronteira simbólica), revela a profunda segregação socioespacial da capital angolana, no período colonial. Ao analisar a transição discursiva, especificamente no conto “O 'Socialismo' Kima Kiahi?”, a pesquisa conclui que a representação do musseque evolui de uma clara denúncia do colonial para uma constatação: a marginalização da sociedade angolana persiste no período pós-independência, estabelecendo a contradição entre o novo discurso político e a realidade social.

Palavras-chave: Musseque; Boaventura Cardoso; *Dizanga dia muenhu*; *Discurso em transição*; Literatura Angolana.

ABSTRACT: This article analyzes the representation of the musseque and discourse in transition (Martinho, 2005) in Boaventura Cardoso's work *Dizanga dia Muenhu* (1977), using six of his short stories as its corpus. The work demonstrates that, although the musseque is consistently represented as a marginalized space, its geographical dimension manifests itself ambivalently in the narrator's discourse, being understood simultaneously as sanzala (a notion of interiority) and as the world (a notion of exteriority). This dual perception, coupled with the musseque's proximity to downtown Luanda (separated only by a symbolic border), reveals the profound socio-spatial segregation of the Angolan capital during the colonial period. Analyzing the discursive transition, specifically in the short story “O 'Socialismo' Kima Kiahi?”, the research concludes that the representation of the musseque evolves from a clear colonial denunciation to a realization: the marginalization of Angolan society persists in the post-colonial period, establishing a contradiction between the new political discourse and social reality.

Keywords: Musseque; Boaventura Cardoso; *Dizanga dia muenhu*; Transitional Discourse; Angolan Literature.

¹ Graduando em Letras - Língua Portuguesa/IIL//Unilab. Email: camuejepaiva@alunogmail.com

² Orientadora. Professora Adjunta de Literaturas em Língua Portuguesa, ILL/Unilab. Email: muraro@unilab.edu.br

1. Introdução

A obra *Dizanga dia Muenhu* (1977), de Boaventura Cardoso, é um importante exemplar da literatura angolana que permite a compreensão da relação entre a produção literária e o contexto social, conforme postulado por Antonio Candido. O teórico afirma que “o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe temas, usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio.” (2023, p. 36). Esse impulso criativo, é confirmado pelo próprio Boaventura Cardoso³. O escritor angolano, em entrevista a Michel Laban, confessou que os problemas vívidos em Angola — como o preconceito, a exclusão social, a exploração e a violência do período colonial — despertaram a sua consciência sobre o meio a sua volta. E *Dizanga Dia Muenhu* expressa marcas profundas de vivências, as quais precisava extravasar, sobre quais necessitava escrever (Cardoso, *apud* Laban, 1991) ou seja, a sua ação sobre a época.

Embora *Dizanga dia Muenhu* tenha sido publicado em 1977, após a emancipação de Angola, alguns de seus contos já circulavam em jornais e revistas desde 1964. A análise de seis contos que compõem a obra — “A chuva”, “Meu toque!”, “Santa Rosa”, “A Família Pompeo e Costa”, “O 'Socialismo' kima kiah?” e “Juca, meu avilo” — evidencia de que a representação do musseque materializa um “projeto literário de denunciar o colonialismo a partir da apresentação da cidade do colonizado” (Macêdo, 2002, p. 71). E dado que o musseque se estabelece como um dos espaços centrais da narrativa, o presente trabalho se propõe a analisá-lo sob a ótica da representação espacial e do *discurso em transição* (Martinho, 2005).

Deste modo, o artigo inicialmente trata das perspectivas teórico-críticas adotadas, pelas quais compreendemos o espaço. Em seguida, aborda a percepção ambivalente do musseque pelo narrador, que o configura simultaneamente como sanzala (noção de ruralidade) e mundo (noção de exterioridade). A seguir, o artigo demonstra, por meio da análise de elementos socioeconômicos e violência da PIDE, como o musseque se constitui, no período colonial, como um espaço marginalizado. Por fim, volta-se para o conto “O 'Socialismo' Kima Kiah?” para

³ Escritor angolano, nascido a 26 de julho de 1944, em Luanda. Membro fundador da Academia Angolana de Letras e da União dos Escritores de Angola. Licenciado em Ciências Sociais. Pelo vínculo com o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), exerceu várias funções nos setores comunicativo, político e diplomático de Angola, tais como Diretor do INALD (Instituto Nacional do Livro e do Disco), Embaixador do Estado Angolano na França, Itália e na República Malta.

confirmar o discurso em transição na obra e argumentar que as contradições do novo tempo, como as “bichas da fome”(Cardoso, 1982, p.35), revelam a continuidade da marginalização no pós-independência, concordando com a observação de Muraro sobre a persistência da insegurança alimentar. A análise culmina, sintetizando a compreensão sobre a representação do musseque e o discurso em transição em *Dizanga dia Muenhu*⁴.

2. Caminhando pelos espaços da teoria

O termo espaço, no contexto do texto literário, frequentemente remete à localização geográfica dos personagens e dos fatos narrados. Cândida Vilares Gancho (1991, p. 23) afirma que o vocabulário, de modo geral, limita-se ao lugar físico onde a história ocorre, classificando as dimensões psicológicas, sociais e econômicas como ambientes inerentes a esse espaço físico (Gancho, 1991).

No entanto, para a proposta de análise, adotamos uma perspectiva que considera tais dimensões como instâncias intrínsecas ao próprio espaço, conforme postulado por Milton Santos. Segundo Santos , o espaço é uma instância da sociedade, “ao mesmo título que a instância econômica e a instância cultural-ideológica. Isso significa que, como instância, ele contém e é contido pelas demais instâncias, assim como cada uma delas o contém e é por ele contido”(2012, p. 12). Portanto, adota-se a perspectiva do espaço como instância específica que transcende a dimensão física , buscando compreender os sentidos veiculados no discurso literário, sejam eles expressos em trechos descritivos ou diluídos em segmentos narrativos (Gancho, 1991).

Dentre as categorias formais da narrativa, o espaço é o que melhor expressa a tensão entre a materialidade do discurso literário e os sentidos extratextuais refratados da realidade (Bakhtin; Volochínov, 2006). É fundamental, contudo, que o leitor não se deixe “[...] levar pela sedução que assalta muitos leitores: a busca do documental, ou seja, a tendência de buscar na

⁴Para a presente análise, será utilizada a edição brasileira de 1982 da obra em foco. Esta edição incorpora um glossário acessível sob a forma de notas de rodapé ao final de cada conto, oferecendo a tradução tanto de termos pertencentes ao jargão angolano quanto de vocábulos da língua nacional de Angola, o quimbundo (Kimbundu) . Embora a inclusão dessa tradução da linguagem regional de Angola represente um auxílio significativo para a compreensão da narrativa , é imperativo considerar que a linguagem do texto literário constitui o resultado de um processo complexo de reelaboração artística. Consequentemente, seus constituintes linguísticos transcendem o significado denotativo de seus signos, veiculando sentidos e informações que bloqueiam uma leitura mais aprofundada e contextualizada por parte do leitor.

cidade da escrita as ruas e personagens da cidade extratextual” (Macêdo, 2008, p. 20). Pelo contrário, o espaço no texto narrativo está configurado pelo:

[...] olhar literário, que sonha e reconstrói a materialidade da pedra sob a forma de um texto. O escritor, como espectador privilegiado do social, exerce a sua sensibilidade para criar uma cidade do pensamento, traduzida em palavras e figurações mentais imagéticas do espaço urbano e de seus atores. (Pesavento, 2002, p. 10).

Dessa forma, o estudo se concentra na imagem representada na narrativa, a fim de caracterizar o espaço no universo literário e identificar como o artista imprime seu ponto de vista sobre o meio, utilizando a representação de um espaço com referencialidade extratextual. Foi por meio destes caminhos teóricos que procuramos compreender a representação do musseque e o discurso em transição em *Dizanga dia Muenhu* (1977), de Boaventura Cardoso.

2.1. Musseque, musseque Zangado: mundo e sanzala

No universo narrativo de *Dizanga dia Muenhu*, o musseque é o espaço que mais protagoniza a trama nos seis contos analisados: “A chuva”, “Meu toque!”, “Santa Rosa”, “A Família Pompeo e Costa”, “O 'Socialismo' kima kiahí?” e “Juca, meu avilo”. O termo *musseque*, no entanto, não designa apenas o local geográfico; pelas diferentes formas em que o vocabulário é expresso, ele também indica a característica social e marginalizada desse espaço durante o período colonial. Observe-se essa variação nos seguintes trechos, que demonstram o uso do topônimo em diferentes contextos:

Lá no musseque tinha muitos miúdos que punham graxa nos sapatos.// Comboio, velocidade sem ritmo. Estação dos musseques.//Mulheres e crianças na fuga louca para Baixa, no musseque tem fúria de colono.//Miúdos carregando a mudança na permissão da força de cada um. Estavam deixando o musseque Zangado, muito tempo depois. (Cardoso, 1982, p. 8, 32, 39)

No contexto desses trechos, compreende-se que, quando o topônimo aparece acompanhado de um designativo, como “musseque Zangado”, ele denota o espaço socialmente marcado, ou seja, “[...] o espaço dos marginalizados que servem de reserva de mão-de-obra barata ao crescimento colonial” (Pepetela, 1990, p. 103). Por conseguinte, quando o termo

musseque aparece sem outro qualificativo, no universo narrativo de *Dizanga dia Muenhu*, ele representa o espaço em sua dimensão geográfica, o local onde a história se desenrola.

Fora dessa leitura metalinguística, outros trechos revelam a ambivalência topográfica e social do lugar. Devido à posição do narrador, que se manifesta tanto de dentro quanto de fora do espaço, o *musseque* é compreendido simultaneamente como “mundo” (noção exterioridade) e como “sanzala” (noção interioridade):

Kaprikitu virou mestre graxista pouco tempo, sapato fica bem limpo, o pano até dizia nheque nheque. A vontade dele não era essa vida. Esta sanzala grande onde vivemos—uns que ficam kilamas⁵, outros castigo de monangamba⁶— é que lhes arrastou na graxa ainda kandengue⁷.//Comboio, velocidade sem ritmo. Estação dos Musseques. Confusão gritos, mundo nosso marginado. Tchiuale não conhecia Luanda, por isso olhava só na espera do compadre. (Cardoso, 1982, p. 9, 12).

A ambivalência da representação geográfica, que chega à hipérbole ao imaginar o *musseque* como um mundo, reforça a leitura de Tania Macêdo (2002), segundo a qual a representação literária do *musseque* como centro da cidade de escrita não é apenas uma escolha estética, mas a construção de um “modelo ideológico completo”, caracterizando uma “imagem do mundo” própria, da nação angolana.

A sanzala, no contexto angolano, era um dos designativos de espaços que, em determinado momento do contexto urbano de Luanda, passaram a ser chamados de *musseque* (Pepetela, 1991). Segundo Washington Santos Nascimento (2017, p. 3), *sanzala* é o nome dado em Kimbundu a uma povoação rural. A mistura da fala do narrador e das personagens entre o português e o kimbundu, bem como a representação da relação dos *musseques* com as províncias de Angola (pela figura de João Tchiuale, que sai de Malanje para buscar trabalho), permite concluir que, na representação ambivalente de *Dizanga dia Muenhu*, o topônimo *musseque* representa: a porção de Luanda para onde uma nação angolana era predominantemente empurrada no período colonial e a Sanzala Grande, delimitando o seu espaço no universo da capital.

⁵ Chefe, pessoa importante e com dinheiro.

⁶ Servente, criador, carregador. Também utilizado para designar algumas vezes quem era levado ao trabalho no contrato.

⁷ Criança.

Nesta caracterização, o narrador define o musseque como um mundo marginalizado, onde a desigualdade socioeconômica é evidente. Assim, confirma-se a denúncia ao colonialismo identificada por Tania Macêdo (2002), o que nos leva a analisar mais profundamente os elementos que configuram o musseque como espaço de marginalização.

2.2. Musseque, no tempo do colono: “mundo nosso marginado”

A marginalização espacial, para Corrêa (2016), advém da prática pela qual certos espaços são preteridos pelos investimentos públicos e privados, sendo rejeitados pela população de alto status e, conseqüentemente, ocupados por populações de baixa renda. No contexto angolano, a marginalização em Luanda, no período colonial, começou com

[...] a tendência era empurrar a população africana para cada vez mais longe do centro, ficando este virtualmente reservado às pessoas de origem europeia. Se não foi prática generalizada, havia no entanto algumas artérias que serviam de fronteira étnica, separando dum lado os colonos e doutro os africanos. (Pepetela, 1990, p. 110)

No *Dizanga dia muenhu*, a partir dos elementos espaciais identificados na obra, é possível compreender a representação de um espaço marginalizado, promovido pelo sistema colonial português que, antes de 1975. O narrador apresenta os elementos espaciais do Musseque para denunciar essa marginalização:

A areia quente vermelha do musseque parece uma boca que morde impiedosamente os pés, sem nada, das quitadeiras, minha senhora!/Nos maximbombos a rebentar, os homens ficavam contorcidos e as mulheres, Ó senhor, não me aperta assim!, defendiam-se dos encostos.”/ As nuvens, cada vez maiores, humanizavam-se nas formas, pareciam estranhos animais. Mano Zeca estava a ver a chuva a vir mesmo na zuna⁸, elá⁹! Olhando no céu, punha nas kinamas a pressa de chegar, Sambila está longe! E a chuva veio com muita raiva. Os tetos frágeis das cubatas tremiam e, nos lares, as águas que entravam dentro faziam atrapalhação nas pessoas. Depois já não havia terra para por pé. Só água onde as crianças ventre-inchado chafurdavam, xé! não brinca com água choca—o kissende./E depois o carro das gasosas. Passou na lagoa e Mano Zeca ficou todo molhado e sujo, miúdo que brincou na lama. Xingou o vendedor mission sete up e imprimiu no gesto malcriado a fúria toda que estava no coração dele. (Cardoso, 1982, pp. 5-7)

⁸ Na pressa

⁹ Interjeição

Sob o olhar do narrador, a disposição desses elementos espaciais — a superlotação no transporte público, a precariedade das habitações, a falta de tratamento sanitário (evidenciada pela água “choca” e contaminada) — denuncia a dificuldade econômica e a ausência de investimentos, representando o descaso do governo colonial para com a maioria da população africana.

À marginalização espacial, soma-se a violência promovida pela PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado), força política policial do período salazarista. Em um dos trechos, a descrição irônica dos agentes evidencia o sentimento de superioridade dos agentes da opressão em relação aos populares:

Entraram. Óculos escuros, barba floresta virgem, ar de gente nos modos. Bocas emudecidas de repente. Caladamente se sentaram todos. "Cartas e documentos tudo cá para fora." É a Pide¹⁰! Atrapalhação na busca das imbambas¹¹. Trouxas violadas, malas arrombadas, mulheres revistadas sem ai. Canhoca, Lucala, Maria Tereza. Mukandas¹² levadas, amanhã vais no 1.0 Bairro buscar. Documentos não tem, ali mesmo já te dão já. (Cardoso, 1982, p. 12)

Essas incursões da PIDE, conhecidas como rusgas, eram formas de repressão política e social, com o objectivo de silenciar a revolução que nascia no musseque:

Musseques cercados colonialmente. Encontro com a rusga é encontro com a morte, cada um com a sorte dele. Tem documentos não tem é ir sem regresso. Porrada rija no Golfe¹³ também que passa. Bandeira do eme¹⁴ nas alturas eh! eh! eh! já ali mesmo que levantaram. Todos olhando contentemente viva o eme! Grito raivoso calado na noite secular, aparece. Conversa spinolista de federação¹⁵? Nada. Patrício quer só Totalimediata¹⁶. (Cardoso, 1982, p. 31)

No conto “Santa Rosa”, a denúncia acerca das ações da PIDE, é posta em contraste com o discurso dos populares pelo narrador. Apresentada a estratégia de opressão, o humor reside no fato de que a mesma PIDE que prendia as pessoas na ausência de documentos é a mesma que recebia os documentos em rusgas anteriores. Assim, pelas instâncias socioeconômicas e de

¹⁰ PIDE, Polícia Internacional e de Defesa do Estado, polícia política do tempo colonial, período salazarista.

¹¹ Coisas, bagagens.

¹² Carta ou documento.

¹³ Nome de um musseque.

¹⁴ Corruptela para MPLA.

¹⁵ Discurso do general português Antonio de Spínola.

¹⁶ Palavra de ordem dos movimentos de libertação: Independência Total e Imediata!

opressão, o musseque é representado no período colonial materializando o “mundo nosso marginado” definido anteriormente pelo narrador.

2.3. Musseque, depois do “tempo do colono”

O discurso literário em *Dizanga dia Muenhu* demonstra uma característica fundamental: a proposição de um discurso de transição “entre uma dimensão anticolonial e a sua superação, já de natureza pós-colonial” (Martinho, p. 135), assim a obra se encontra na charneira de uma fase crucial da literatura angolana, ajustada pela resistência ativa.

A análise comparativa entre “A chuva”, “Meu toque!”, “Santa Rosa”, “A Família Pompeo e Costa”, “Juca, meu avilo” e, em especial, “O 'Socialismo' kima kiahì?” confirma a hipótese de Ana Maria Mão-de-Ferro Martinho, mas revela uma contradição fundamental na representação do musseque após o “tempo do colono”.

No conto “O 'Socialismo' kima kiahì?”, a representação do musseque deixa de ser um foco espacial físico e se volta para a veiculação do discurso político-partidário do MPLA, propagado após a emancipação de Angola. Na conversa entre os personagens, a utopia é apresentada:

Socialismo é então então? Fica como é?- curiosidade nascendo. Nenhuma rádio costuma falar socialismo é a gente vive já bem. As lavras são nossas, os bancos nossos também fábricas, prédios tudo, no hospital você vai só não precisa pagá, na escola te ensinam bem, não tem senhor nem escravo, não tem rico, não tem pobre. (Cardoso, 1982, p. 31)

A indagação de Nga¹⁷ Tuturi e a explicação de Nga Paxi evidenciam a necessidade de esclarecimento sobre a nova visão política. Conforme analisa Andrea Muraro, o título do conto expressa uma sutil ironia, ao evidenciar a noção de projeção e esperança depositada no novo discurso para o povo do musseque (2012, p. 27).

Contudo, é por meio da instância social — os moradores do musseque — que a realidade do novo tempo é confrontada. As reclamações de Nga Paxi sobre “as bichas de fome”, que a levam a exclamar: “Era melhor no tempo do colono” (Cardoso, 1982, p.37), evidenciam a

¹⁷ Senhora ou Senhor, para homens.

disparidade entre o curso da história pós-revolucionária e o que a literatura revela sobre o cotidiano da carência alimentar (Muraro, 2012, p. 28).

Em suma, no conto “O 'Socialismo' kima kiahí?”, compreende-se que, mesmo após a mudança de governo e a emancipação, a marginalização no musseque continua. A representação do musseque em *Dizanga dia Muenhu* revela uma contradição: o governo mudou, mas a marginalização espacial e social persistiu, confirmando o caráter de transição do discurso.

3. Considerações finais

O presente estudo tratou de analisar a representação do musseque e o *discurso em transição* na obra *Dizanga dia Muenhu*, de 1977, de Boaventura Cardoso, confirmando a relevância da coletânea como um instrumento de crítica contundente à segregação socioespacial angolana. A análise procurou demonstrar que o musseque é configurado de maneira complexa e ambivalente, manifestando-se simultaneamente como sanzala (evocando um espaço marginalizado e interiorizado) e como mundo (afirmando-se como o centro da identidade e da vida angolana). Essa dupla percepção reforça a leitura do espaço não apenas como localização, mas como uma instância social profundamente marcada pelo colonialismo.

É significativa a confirmação do *discurso de transição* e a revelação de uma profunda contradição no período pós-independência. Se os contos da época colonial denunciavam a violência da PIDE e a precariedade estrutural que configuram o musseque como “mundo nosso marginado” (Cardoso, 1982, p.12), a análise do conto “O 'Socialismo' kima kiahí?” expõe o descompasso entre o ideal político e a realidade social. A utopia socialista e a euforia da independência confrontam-se com a persistência da exclusão, simbolizada pelas “bichas da fome” (p.35), provando que a marginalização da sociedade angolana continua apesar da mudança de regime.

Portanto, *Dizanga dia Muenhu* transcende o projeto literário de denúncia anticolonial. Ao estabelecer um diálogo crítico com o novo poder, a obra questiona as bases da nação recém-fundada, expondo a falha em alcançar a plena emancipação social e econômica do musseque. A persistência da marginalização, articulada pelo discurso literário, sugere que a

verdadeira superação do trauma colonial e a concretização da promessa revolucionária ainda seriam horizontes a serem conquistados.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudo de teoria e história literária. São Paulo: Todavia, 2023.

CARDOSO, Boaventura. **Dizanga dia muenhu: contos**. São Paulo: Ática, 1982.

CORRÊA, R. L. **Áreas sociais: uma avaliação e perspectivas**. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 20, n. 1, p. 10-33, mês. 2016. ISSN 2179-0892. Disponível em: <https://revistas.usp.br/geosp/article/view/111752/112910>. Acesso: 20 out. 2025

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 1991.

LABAN, Michel. **Angola: encontro com escritores**. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1991.

MACÊDO, Tania. **Angola e Brasil: estudos comparados**. São Paulo: Arte & Ciência, 2002. (Coleção Via Atlântica, n. 3).

MARTINHO, Ana Maria Mão-de-Ferro. Dizanga dia Muenhu: neo-humanismo e voz coletiva. In. CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania; MATA, Inocência (Org.). **Boaventura Cardoso, a escrita em processo**. São Paulo: Alameda, União dos Escritores Angolanos, 2005.

MURARO, Andrea Cristina. **Luanda: entre camaradas e mujimbos**. São Paulo, 2012. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

NASCIMENTO, Washington Santos. Universo Mítico-Religioso Kimbundu E Trânsitos Culturais em Uanhenga Xitu. **RBCS** Vol. 32 nº 95 /2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/dLRh4Ntb9Jw6tdLYcbZSNmj/?lang=pt>. Acesso: 7 de dezembro de 2025

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

PEPETELA. **Luandando**. Luanda: Elf Aquitaine, 1990.

PESAVENTO, Sandra Jatahy **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano-Paris, Rio de Janeiro**, Porto Alegre. 2.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5. São Paulo: Edusp, 2012.